

À FLOR DA PELE

A derme tem estreita ligação com o sistema nervoso central: capta sensações, evidencia conflitos psíquicos e estabelece limites entre o mundo interno e o universo externo, refletindo aspectos psicológicos e fisiológicos.

Por Marisa Muller é psicóloga, doutora em psicologia, professora da Universidade d Vale dos Sinos (UNISINOS) e membro do Instituto Brasileiro de psicologia da Saúde. Autora de *Psicossomática: uma visão simbólica do vitiligo* (Vetor, 2005)

Tatiana Helena José Facchin é psicóloga, mestranda em psicologia clínica na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e membro do Instituto Brasileiro de Psicologia da Saúde (IBPS).

A pele, maior órgão do corpo humano - só o cérebro tem mais funções- é vital para a vida humana: é responsável pelo tato, considerado o mais delicado dos sentidos, e pela respiração; faz mediação de sensações e as transmite ao sistema nervoso, protege os órgãos internos, regula a temperatura e ainda funciona como barreira contra as bactérias. Do ponto de vista psicológico, faz a contenção e estabelece limites entre o mundo externo e o universo do mundo interno – age como um sistema de “abrigo da individualidade”. Como escreve o pesquisador G. Strauss, “ao mesmo tempo em que nos protege, é a fachada que nos expõe”. O psicanalista francês Didier Anzieu chegou a escrever que a derme é o “envelope psíquico” do corpo. Ele considera que é por meio das experiências físicas e com a mãe que a criança desenvolve a idéia subjetiva de eu. Daí esse autor usar o termo Eu - pele.

Não seria exagerado dizer que a derme tem um papel “egológico” (ego), nos referindo à construção da autoimagem e da autoconfiança. Alguns autores relatam que funções sensoriais permitem a compreensão de si mesmo e o encontro com o outro, já que o órgão epitelial é claramente envolvido por questões emocionais.

Pessoas que não tiveram suas necessidades de estimulação cutânea apropriadamente supridas na infância podem apresentar tendência a regredir em momentos emocionais críticos, apresentando problemas relacionados à pele. Inúmeras pesquisas mostram que o vitiligo, por exemplo, se manifesta após situações de estresse vinculadas a ameaças ou perdas (veja no quadro: *Vitiligo: As Manchas Brancas que se Alastram*).

O TOQUE É FUNDAMENTAL EM TODAS AS FASES DA VIDA, tem importância especial nos anos iniciais: por meio dele, o bebê se sentirá amado, amparado, consolado, contido. O que permitirá o surgimento de um sentimento futuro de unidade.

Segundo a dermatologista americana Caroline Koblenzer, quando experiências estressantes que parecem excessivas para o psiquismo aniquilam as defesas do organismo, surge uma espécie de falha no mecanismo de enfrentamento psicológico, que podem ativar medidas emergenciais, transmitidas neurologicamente, que alteram o equilíbrio biológico,

provocando o desenvolvimento da doença. Porém, é possível lançar outro olhar sobre a patologia, entendendo-a como um mecanismo de defesa, uma tentativa da psique de estabelecer um equilíbrio entre instâncias conscientes e inconscientes, entre o “fora e o dentro”. Em estudos realizados com pacientes com vitiligo pudemos constatar a existência de conteúdos reprimidos (processos psíquicos não elaborados), somatizados como sintomas físicos, manchas brancas. Podemos interpretar a despigmentação como aquilo que não é vivido (não integrado à consciência). É a concretização de vazios que clamam por significados. A despigmentação da pele, a perda da cor, poderia significar o sofrimento psíquico, o descolorido da alma.

O EU E O OUTRO

A pele tem estreita ligação com o sistema nervoso central, pois ambos são derivados do mesmo tecido embrionário: a ectoderme. Assim, é possível compreender melhor o porquê de essa área do corpo ser tão sensível às percepções, sensações e emoções e estar em maior contato com os desejos, necessidades, medos e conflitos dos quais a própria pessoa nem sempre tem muita clareza. Considerada como um espelho do funcionamento do nosso organismo reflete nosso estado psicológico e fisiológico.

No início da vida, a derme é a via inicial de comunicação do recém-nascido com o mundo. Ao nascer, o bebê é um ser indissociado da pessoa que exerce a função materna e tem grande importância para o desenvolvimento saudável do filho (um papel em geral exercido pela própria mãe). A criança encontra nela um espelho, isto é, poderá se enxergar pelos olhos desse outro que a acolhe, entrando em contato com o mundo, primeiramente, como uma extensão da mãe.

O toque, relevante em todos os momentos da vida, tem importância especial nos anos iniciais de desenvolvimento. É por meio do toque que a criança se sentirá amada, amparada, consolada, contida, possibilitando assim o surgimento de unidade no futuro, quando o bebê terá condições de perceber que seu corpo é apenas dele e constatará, aos poucos, a existência de um mundo interno próprio independentemente do outro.

Quando se fala em segurar o bebê, em tocá-lo podemos nos lembrar do ter *holding* (do inglês, envolver, segurar, dar suporte). Proposto pelo psicanalista inglês Donald W. Winnicott. Para ele, o ato de segurar um bebê não significa apenas pegá-lo fisicamente, mas provê-lo de um ambiente de cuidado parental satisfatório. Dessa forma tem início o desenvolvimento da percepção de si, um passo fundamental para a constituição egóica, na qual se estabelece a diferenciação entre o eu e as outras pessoas, para que a criança possa apropriar-se de uma unidade de ego, saindo do estado fusional inicial que vivia com a figura materna.

Pela quantidade e, sobretudo, pela qualidade de contato que a criança tem com a figura materna vai sendo estabelecida a comunicação básica de prazer e desprazer do bebê

consigo mesmo e com os outros. Considerando que não é possível a existência de uma mãe perfeita demais, que jamais, em tempo algum frustrasse seu bebê (e nem isso é desejável, pois perpetua a condição simbiótica), em uma esfera mais próxima do ideal. Winnicott traz à idéia de mãe suficientemente boa, que seria capaz de suprir as necessidades do filho-embora não todas. É inegável, porém, que nem sempre é possível haver esse grau suficientemente bom de cuidado. Muitas mulheres, entretanto, não receberam esse acolhimento quando pequenas ou, por razões psíquicas, não são capazes, nesse momento de exercer a função materna. E a dificuldade de interação na relação dupla mãe-criança pode resultar no surgimento de alguma doença orgânica.

Em muitos casos, a doença da pele apresenta-se como uma forma de a criança comunicar ao meio que há algo acontecendo, tanto ligado à problemas familiares quanto ao seu próprio psiquismo. Em certos casos, algum sintoma familiar pode se manifestar no membro mais frágil e sensível do grupo-o qual freqüentemente é a criança. A necessidade de resolução de conflitos emocionais pode fazer emergir as doenças e manifestações psicossomáticas, sendo o papel do psiquismo, nesse caso, bastante complexo.

Esses sintomas podem estar relacionados com agressão, controle dos impulsos, mecanismos imunológicos entre outros. Quando há uma falha na relação mãe-bebê, o surgimento de uma patologia como dermatose pode representar bem essa falta de toque de forma visível. Essa falta acaba dificultando, para a criança, a separação entre mundo externo e interno, por ela não perceber seus limites, fronteiras - o que é dela e o que é do mundo.

É preciso considerar que a dermatose atinge não apenas a pessoa que a apresenta, mas se faz presente para outras pessoas. Talvez incomodem alguns que olhem para elas, pois revelam sintomas presentes em uma unidade que faz parte de um todo maior, podendo representar dificuldades do próprio grupo e da sociedade. Doenças que se encontram dentro do corpo, invisíveis a olho nu, como câncer e cardiopatias, comumente provocam sentimentos de piedade naqueles que tomam conhecimento da doença. Já as patologias de pele, a lesão que está “de fora”, visível, podem afastar as pessoas devido ao desconhecimento sobre a doença e o temor de contágio.

Inegavelmente, a importância e os significados simbólicos da pele são muito mais amplos e profundos do que se costuma imaginar no primeiro momento. Entretanto, não são apenas os conflitos emocionais que apresentam na derme, mas as próprias emoções em si, podem se expressar por meio dela. É bastante comum que a vergonha provoque o enrubescimento do rosto, assim como suor frio, coceira surgem em situação de grande tensão e a palidez toma conta do rosto de quem leva um susto. Essas situações evidenciam ainda mais a estreita relação entre as emoções e a pele, bem como quanto expomos o que sentimos sem sequer percebermos.

Entendendo a pele como órgão de relações, do contato com o mundo externo e diferenciadora entre o psiquismo e o ambiente, podemos pensar que o surgimento de alguma

dermatose indica que o paciente esteja passando por dificuldades emocionais ligadas à área dos relacionamentos. É como se a derme fosse uma vestimenta que nos acompanha durante toda a vida e guardam memórias, sinais de tempo e de vivências, Cicatrizes, marcas, tatuagens, piercings representam o que vivemos em cada momento de nossa história, as associações inerentes a cada fase e influências dos ícones da cultura sobre o corpo.

POR QUE EU?

O sentimento de inadequação e o estigma sofrido pelos pacientes dermatológicos frente aos exigentes padrões estéticos geralmente causam grande insatisfação consigo mesmos, fazendo com que a adaptação à doença desencadeie – ou aumente- o estresse, apontado como grande desencadeador ou agravante de problemas dermatológicos. Para facilitar a compreensão, consideramos o estresse, aqui, como uma das várias situações não específicas, deflagradas por causas internas ou externas, passíveis de criar demandas sobre o organismo. Ou seja, provocar resposta corporal que leva a alterações temporárias ou permanentes, tanto no âmbito fisiológico quanto psicológico.

A cobrança social acerca da aparência física torna o adoecimento dermatológico muito mais sofrido. Além disso, é comum que o paciente se sinta discriminado, PIS as pessoas tendem a se afastar. Muitos com problemas de pele relatam que alguns evitam sentar ao seu lado em lugares públicos, por exemplo, por temerem “contrair” a dermatose; até mesmo a vida profissional daquele que apresenta a patologia em certos casos é prejudicada, principalmente quando o paciente teme expor-se e passa a evitar o olhar do outro, privando-se assim de oportunidades.

Muitos pacientes dermatológicos acreditam estar sofrendo alguma punição, perguntando-se freqüentemente: “Por que eu?”. A psicossomática de certa forma vem responder a esta pergunta, ao compreender o adoecimento como um processo repleto de significado e buscar o “para que” do adoecimento. É importante entender que o aparecimento de doenças tem sempre múltiplos aspectos a ser considerados: genéticos, características de personalidade, formas usadas pela pessoa para enfrentar o estresse, ambientais, história de vida, etc. Mas é necessário levar em consideração o significado singular da dermatose para cada indivíduo, pois é impossível generalizar a razão pela qual a pessoa adoeceu. Obviamente, cada ser é único, tem suas próprias vivências, interpretações de mundo, experiências, crenças, enfim, uma história de vida que necessita ser olhada e compreendida.

Podemos pensar que a própria dermatose é vivida de forma única pelo indivíduo. Dessa perspectiva, é possível fugir de generalizações e considerar cada adoecimento como portador de alguma mensagem específica. Surge assim, a necessidade de trabalhar como o paciente dermatológico levando em conta sua totalidade, procurando entendê-lo em seu contexto, questões emocionais, crenças e sentidos que confere (ou não) ao que vive.

A psicodermatologia surge embasada nessa visão ampla do ser humano, procurando entendê-lo em suas especificidades. Em especial nos últimos anos, essa área de conhecimento vem integrando o trabalho de psicólogos e médicos, a fim de oferecer um atendimento mais humanizado e específico para cada paciente, com base em uma compreensão psicossomática. Dessa forma, rompe-se com a idéia de existência de uma única causa da doença, em favor de um modelo mais integrativo e multifatorial.

Mais do que compreender o motivo psíquico que desencadeou a patologia é importante compreender a que se presta a doença e que sentidos adquire para o paciente.

PARA CONHECER MAIS:

- 1- *Psicodermatologia e as intervenções do psicólogo na saúde. M.W.B. Ludwig; M.C.Muller; L.B. Redivo e outros, em Mudanças – Psicologia da Saúde, 16 (1), páginas 37-42, 2008*
- 2- *Psicossomática. Uma visão simbólica do vitiligo. M.C Muller. Vetor, 2005*
- 3- *O ser e o viver. - uma visão da obra de Winnicott. J. Mello Filho. Casa do psicólogo, 2001*
- 4- *Tocar: o significado humano da pele. A. Montagu. Summus, 1988*
- 5- *Dermatologia integrativa: a pele em novo contexto. Roberto Azambuja. Anais Brasileiros de Dermatologia, Rio de Janeiro, 2000*

VITILIGO

Vitiligo é uma alteração adquirida na pigmentação da pele, caracterizado clinicamente pelo desenvolvimento de manchas brancas (acromia) e microscopicamente pela completa ausência de melanócitos, que são as células que dão cor à derme. A doença já era descrita na Antiguidade. O Ebers papyrus, um clássico médico egípcio, escrito por volta de 1500 a.C, já mencionava dois tipos de doenças da pele, referindo-se à mudança de tonalidade. Uma delas caracteriza-se pela afecção leprosa, enquanto a outra faz alusão à falta de pigmentação e parece tratar-se de vitiligo.

Referências da mesma época podem ser encontradas na antiga escrita védica da Índia-Atharva, em que o termo kilas, que em sânscrito é derivado da palavra vitiligo. Segundo D. Kopera, autor de Historical aspects and definition of vitiligo: clinics in dermatology, de 1997 em 1200 a.C. o Charak Samhita, uma compilação médica, já mencionava uma doença chamada svitra, que em sânscrito significa “expandindo brancura”.

Segundo Kopera, no século XIX a patologia era definida como uma “distrofia pigmentária”. Esse autor cita o médico Moritz Kaposi (1837-1902) como um dos primeiros a descrever as características histopatológicas do vitiligo, postulando que a única mudança anatômica da pele com a doença é a falta de grânulos de pigmentação. Entre dermatologista da época, mecanismos etiológicos obscuros, como estresse emocional ou fatores traumáticos que desencadeiam as erupções, eram muito discutidos. Apesar das referências, persiste certa controvérsia quanto à origem da palavra “vitiligo”. De acordo com Tomas P. Habif, o vocábulo deriva de grego vetelus, que significa “bezerro”, em alusão às manchas brancas que se assemelham aos sinais vistos em animais. No entanto, M. Leider e Laurie B. Roseblum apontam a origem da palavra vitulum, que significa “mancha” ou “falta” sendo essa última bastante compatível com sentidos da doença do ponto de vista psicológico. Para controle da doença são utilizados atualmente tratamentos à base de laser, combinados com técnicas de relaxamento e acompanhamento psicológico (que ajude a pessoa a lidar não apenas com a patologia, mas com os fatores que possam ter contribuído para o seu aparecimento).